

O CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DE UMA UNIVERSIDADE DO INTERIOR DO PARANÁ SOBRE A MORTE NEONATAL

THE KNOWLEDGE OF STUDENTS AT A UNIVERSITY IN THE INTERIOR OF PARANÁ ABOUT NEONATAL DEATH

Submissão:
26/05/2024
Aceite:
12/12/2024

Luana do Nascimento Schavarem¹  <https://orcid.org/0000-0003-2244-326X>

Caroline Guisantes de Salvo Toni²  <https://orcid.org/0000-0003-2114-1964>

Cristina Ide Fujinaga³  <https://orcid.org/0000-0003-0852-1567>

Resumo

Objetivo: descrever o conhecimento de estudantes sobre morte neonatal. Pesquisa vinculada ao projeto de extensão “HumanizAção: grupo de apoio para pais de prematuros”. **Método:** participaram 11 alunos(as) dos cursos de Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem e Serviço Social. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, utilizando-se entrevista semiestruturada. Foi utilizada análise de conteúdo, modalidade temática. **Resultados:** um pouco mais da metade dos participantes não tiveram contato com a temática. As falas revelaram três eixos temáticos: “A Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: cenários e vivências sobre a morte neonatal”; “O acolhimento e a empatia nas vivências da morte neonatal”; e “A importância da formação para a atuação profissional diante da morte neonatal”. **Conclusão:** identificaram-se lacunas na formação dos participantes no que diz respeito à morte neonatal. Considera-se essencial a inserção da temática de maneira transversal, possibilitando o desenvolvimento de habilidades para atuação na área hospitalar, como o projeto de extensão “HumanizAção”.

Palavras-chave: morte neonatal; formação profissional em saúde; unidade de terapia intensiva neonatal; cuidado humanizado; equipe multiprofissional.

¹ Psicóloga; Mestra em Desenvolvimento Comunitário, Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO luschava@gmail.com

² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO carolinegs@unicentro.br

³ Professora do Departamento de Fonoaudiologia da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO cifujinaga@unicentro.br

Abstract

Objective: describe the knowledge of students about neonatal death. Research associated to the extension project “Humanization: support group for parents of premature infants”. Methodology: 11 students of the psychology, phonoaudiology, physiotherapy, nutrition, nursing and social service course participated. It’s about a qualitative research, using semi-structured interview. It was used content analysis, thematic modality. Results: a little more of a half of participants don’t had contact with the thematic. The speeches reveal three thematic axes: “The Unity of Neonatal Intensive Therapy: scenarios and experiences about the neonatal death”; “The reception and the empathy in the experience of neonatal death”; The importance of the formation to the professional atuation in the face of the neonatal death”. Conclusion: The participants’ training revealed gaps regarding neonatal death. It is considered essential to incorporate this topic in a transversal manner, enabling the development of skills for working in the hospital setting, such as the extension project “Humanização.”

Keywords: perinatal death; health human resource training; intensive care units neonatal; humanization of assistance; patient care team.

Introdução

O período neonatal se refere ao nascimento dos bebês até seus 28 dias de vida, período em que são considerados recém-nascidos. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o bebê é classificado de acordo com a idade gestacional, sendo: pré-termo (menos de 37 semanas); termo (de 37 semanas a menos de 42 semanas), pós termo (42 semanas completas ou mais) (Brasil, 2012; Brasil, 2020).

Geralmente, o setor responsável pelos cuidados do recém-nascido em condições graves de saúde é a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTIN). A UTIN possui estruturas técnicas para oferecer uma assistência especializada aos bebês recém-nascidos graves, contendo equipamentos, instalações e recursos humanos para promover e manter a saúde, aliviar a dor, salvar e prolongar a vida. A equipe de profissionais que atua na UTIN é formada por médico, enfermeiro, fisioterapeuta, psicólogo, fonoaudiólogo, nutricionista, serviço social, entre outros (Pessini, 2001; Brasil, 2012).

Algumas causas de internamento na UTIN são: infecção grave, distúrbios respiratórios, malformações, prematuridade, necessidade de nutrição parenteral, entre outros (Brasil, 2012). Apesar de todo trabalho realizado pelos profissionais, a morte do bebê muitas vezes é inevitável e, nesse momento, várias áreas da vida da mulher poderão ser afetadas, causando a perda da identidade materna, pois além de perder um filho, torna-se necessário lidar com as expectativas e os planos que havia traçado, aumentando, assim, o sofrimento (Freitas; Michel, 2014; Salgado; Polido, 2018).

Há características particulares na morte neonatal, pois a família, ao sofrer o luto pela morte do bebê, sofre pelas vivências que não se concretizaram. Dessa forma, a falta de lembranças de

alguém que já tinha um significado importante para a família torna a perda ainda mais difícil, uma vez que o bebê teve pouco tempo de vida. Portanto, compreender a particularidade da morte neonatal torna-se de extrema importância, pois contribui para o acolhimento ofertado para a família (Salgado; Polido, 2018).

Salgado e Polido (2018) destacam que o momento da perda de um filho que acabou de nascer possivelmente ficará marcado para sempre. Desse modo, a atuação da equipe de profissionais é fundamental durante o processo de perda e deve considerar as necessidades emocionais da família, proporcionando acolhimento, respeito, empatia e escuta, sem assumir a responsabilidade por decisões individuais (Barth; Vescovi; Levandowski, 2020; Ferreira *et al.*, 2021).

Lançada em 2003, a Política Nacional de Humanização (PNH) compreende o acolhimento como afeto que proporciona a escuta de forma ampliada, ou seja, que os profissionais escutam os sentimentos, as dores, as inquietações e a história de cada sujeito. Além disso, o acolhimento remete às relações do dia a dia por meio de estratégias para dignificar a vida e, através do compromisso coletivo de estar junto, potencializar a vida nos mais diversos encontros (Brasil, 2010). Portanto, o acolhimento é uma prática de saúde fundamental e deve estar presente na instituição hospitalar, contribuindo para a construção do vínculo, confiança e compromisso (Brasil, 2004).

A morte de bebês recém-nascidos também pode causar diferentes níveis de sofrimento nos profissionais de saúde, podendo afetar na assistência prestada aos familiares, podendo estar presente a evitação dos profissionais no estágio final dos pacientes neonatos. Por consequência, o cuidado e os sentimentos da família poderão ser deixados de lado, pois a dificuldade de lidar com o enfrentamento do outro pode gerar um distanciamento entre o profissional e o familiar (Moraes, 2022; Silveira *et al.*, 2022).

Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012), algumas diretrizes que orientam as ações de Extensão Universitária dizem respeito à interação dialógica e à indissociabilidade Ensino – Pesquisa – Extensão, as quais direcionam para o desenvolvimento das relações entre a universidade e a sociedade, por meio do diálogo e troca de saberes, produzindo um novo conhecimento em interação com a sociedade, bem como as ações de extensão alcançam mais efetividade se estiverem relacionadas à formação (ensino) e à geração de conhecimento (pesquisa).

O projeto de extensão “HumanizaÇÃO: grupo de apoio para pais de recém-nascidos prematuros”, realizado em uma universidade pública do interior do Paraná, tem como objetivo promover ações de apoio para mães-mulheres de bebês nascidos prematuros. O projeto envolve ações de escuta, lazer e autocuidado, realizadas por estudantes dos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia, além de pós-graduandos. Desta forma, o projeto realiza a intersecção entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitando o cumprimento do papel social da Universidade (FUJINAGA; TONI; BUASKI, 2023).

A partir da experiência das alunas extensionistas e do relato das mães participantes do projeto, com suas histórias, nas quais a morte neonatal se fez presente, observou-se a dificuldade de alguns profissionais e da própria equipe no manejo diante do contexto da morte neonatal, bem como de terem contato com materiais que abordassem essa temática e auxiliassem as suas práticas.

De acordo com Souza e Conceição (2018), as dificuldades encontradas pelos profissionais destacam a importância de se refletir sobre a formação profissional, tornando-se fundamental realizar discussões acerca da temática. Nesse sentido, nascido da demanda observada nas vivências promovidas pelo projeto de extensão, o presente estudo teve como objetivo descrever o conhecimento que os alunos da área da Saúde e Ciências Sociais aplicadas possuem sobre a morte neonatal.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de delineamento qualitativo, o qual, de acordo com Minayo (2014), aplica-se ao estudo das relações, percepções, representações e crenças, produtos da interpretação que o sujeito faz sobre como vive, sente e pensa.

Este estudo está vinculado ao projeto de extensão “HumanizAção: grupo de apoio para pais de recém-nascidos prematuros” e tem como objetivo promover ações de apoio para mães-mulheres de bebês nascidos prematuros (FUJINAGA; TONI; BUASKI, 2023). Considerando o tema abordado neste estudo, observou-se a importância de realizar a coleta de dados nos cursos do Setor de Saúde e Setor de Ciências Sociais Aplicadas, pois integram os profissionais que atuam em situações de morte neonatal, tanto de maneira direta como indireta. Dessa forma, participaram deste estudo 11 alunos(as) dos últimos anos dos cursos de uma universidade do interior do Paraná, englobando: Psicologia, Fonoaudiologia, Fisioterapia, Nutrição, Enfermagem e Serviço Social, sendo 10 participantes do sexo feminino e 1 do sexo masculino, com idade entre 21 e 30 anos. Os participantes foram convidados pelos representantes das turmas e por indicação de demais colegas.

Para a coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada, a qual foi realizada individualmente, em formato on-line, na plataforma *Google Meet*, com horário previamente acordado com cada participante. As questões que nortearam a entrevista foram: “Durante a graduação você ouviu falar sobre a UTI neonatal?”; “Foi abordado sobre morte neonatal?”; “Em qual momento da graduação?”; “O que você conheceu sobre o tema?”; “Você considera importante o aprofundamento sobre a temática durante a graduação? Por quê?”.

As entrevistas tiveram duração de 15 a 30 minutos e, após finalizadas, foram realizados registros em arquivo *Word*. Para a análise dos dados, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, na modalidade temática, a qual é realizada a partir de três etapas: pré-análise, exploração do material e interpretações. Tal modalidade tem como objetivo identificar os principais temas subjacentes na comunicação, cuja presença ou frequência sejam relevantes para o objeto analítico proposto (Minayo, 2014).

Para a realização desta pesquisa, todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Com a finalidade de garantir o anonimato, utilizou-se a identificação dos participantes por meio de P1, P2, P3, e assim sucessivamente. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, sob o número do parecer 6.176.911.

Resultados e discussões

As falas dos participantes revelaram três núcleos temáticos, os quais serão descritos a seguir:

A Unidade de Terapia Intensiva Neonatal: cenários e vivências sobre a morte neonatal.

De acordo com o relato dos participantes, a Unidade de Terapia Intensiva Neonatal, seu conceito e a atuação profissional nesse local fizeram parte do conteúdo programático de algumas disciplinas, como também de estágios supervisionados.

“Durante a graduação tive contato com a UTI neonatal, tanto em disciplinas como estágio. Um estágio obrigatório na UTI neonatal e outro cada aluno escolhia a área que iria realizar” **P6**

“Tive pouco contato com a UTI neonatal durante a graduação, ouvi falar sobre a área em uma disciplina” **P9**

Alguns participantes apontaram que não tiveram nenhum contato com a área em disciplinas e estágio, mas conheceram um pouco por meio de outras atividades acadêmicas.

“Durante a graduação entrei para um projeto de extensão que me aproximou da área da UTI neonatal” **P1**

“O único contato que tive sobre a área foi pela pesquisa de uma colega que foi sobre a atuação dos profissionais na UTI neonatal” **P2**

Em apenas um dos cursos, os participantes não tiveram nenhum contato com a área da UTI neonatal.

“Não tive nenhum tipo de contato com a UTI neonatal” **P11**

De acordo com Lamy Filho (2003), enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, assistentes sociais, fonoaudiólogos, entre outros profissionais, fazem parte da equipe da UTI neonatal. Apesar de alguns profissionais não permanecerem por muito tempo na UTI neonatal, cada um possui um papel importante no cuidado do recém-nascido, desempenhando suas funções por meio de conhecimentos específicos para a atuação. Nesse sentido, visualiza-se a importância de ser abordada a atuação na UTI neonatal durante a formação, pois é um campo de trabalho para esses profissionais.

Com relação à temática da morte neonatal, esta foi abordada durante a graduação de alguns participantes, porém sem uma relação específica com uma única disciplina.

“Ouvi falar um pouco sobre a morte neonatal na disciplina que abordou sobre bebê prematuro” **P5**

“Tive disciplina sobre saúde da mulher e criança, onde abordou também sobre a perda, disciplina sobre luto e perdas, que abordou todos os tipos de perdas. Tive também disciplina que abordou sobre o aborto [...] Tive o preparo desde o segundo ano [...] Tive experiência da morte neonatal por meio do estágio” **P6**

Alguns participantes relataram sobre atividades acadêmicas que não abordaram especificamente sobre a morte neonatal, mas temas afins, tais como cuidados paliativos e luto.

“Meu trabalho de conclusão de curso foi sobre cuidados paliativos neonatais” **P1**

“Através da pesquisa de uma colega [...] Sobre o luto tive de maneira mais sucinta na faculdade e quando partia do interesse dos alunos” **P2**

“Conheci sobre cuidados paliativos em uma disciplina que abordou de maneira mais ampla, em todas as fases da vida” **P4**

Cabe ressaltar que, embora alguns participantes relataram ter contato com o tema morte neonatal, pouco mais da metade não teve nenhuma atividade acadêmica que contemplasse a temática.

“Não tive contato com a temática sobre a morte neonatal” **P8**

“Não tive nada especificamente sobre a morte neonatal” **P9**

“Não tive nenhum tipo de contato com a temática” **P10**

Destaca-se que o curso que não teve nenhum tipo de contato com a temática não estava inserido na área da Saúde, aspecto já esperado. Porém, o que chama a atenção são alguns cursos voltados à área da Saúde também não terem tido contato com o tema, demonstrando, dessa forma, uma lacuna na formação. O estudo realizado por Koch, Rosa e Bedin (2017) demonstra que a abordagem da temática é escassa durante a formação profissional, revelando a necessidade de que disciplinas e práticas educacionais sejam incluídas durante a graduação.

Nesse sentido, torna-se importante a inserção da temática morte neonatal na formação, incluindo a educação para morte de maneira transversal durante a graduação. Autores ressaltam sobre a importância de inserir os processos de morte e morrer no ensino de maneira contínua, integrando diversos componentes curriculares e articulando a temática em ações extensionistas, pesquisas e grupos de estudos (Moura *et al.*, 2018). O estudo realizado por Reis *et al.* (2021) teve como objetivo investigar os caminhos utilizados pelos alunos de Enfermagem a respeito da temática morte na formação acadêmica. De forma geral, foi possível observar que a maior parte dos alunos tiveram a temática sobre a morte durante a formação de maneira transversal.

Kovács (2021) destaca que a educação para a morte é considerada essencial para práticas mais humanizadas, especialmente na área hospitalar, onde a morte ocorre diariamente. É importante que a educação para morte esteja presente durante a formação, abrangendo algumas temáticas relevantes, como: sentimentos e reflexões sobre a morte por meio de sensibilização e aproximação do tema, abrangendo os vários tipos de morte, tal como a morte neonatal; abordagens teóricas sobre a morte; reflexões sobre experiências na prática, envolvendo fatores cognitivos e afetivos. Além das questões teóricas, é essencial que os cursos promovam o autoconhecimento, proporcionando espaços para o contato com os sentimentos e preparando para o cuidado às pessoas que estejam próximas da morte (Kovács, 2021).

O acolhimento e a empatia nas vivências da morte neonatal

Dentre os poucos participantes que tiveram a oportunidade de vivenciar a morte neonatal nos cenários de estágio, o acolhimento e a empatia foram o fio condutor de sua atuação, junto aos pais e famílias.

“Eu tive uma experiência com a morte neonatal por meio de um estágio. A mãe que acompanhei já tinha consciência de que poderia perder seu bebê. Foi realizado o acolhimento da família. Pouco antes do óbito foi repassado sobre a situação do bebê, oferecido opções de escolha para a família, se queriam estar juntos no momento. Quando o óbito aconteceu foi realizado o acolhimento e pedido permissão para realizar os procedimentos [...] Foi buscado por quem estava mais calmo na família para dar orientações sobre sepultamento [...] Quando a equipe não consegue auxiliar no acolhimento dos pais, quando eles não estão bem, são encaminhados para o psicólogo para dar suporte nesse momento” **P6**

“Passei por uma experiência em um estágio, um bebê que veio a óbito. Quando os pais entraram foi muito difícil, a equipe perguntou se a mãe gostaria de segurar e foi a primeira vez que ela segurou o bebê, chorando muito [...] Tem que ser forte, se colocar no lugar, ter empatia” **P7**

As falas revelam as atitudes previstas na Política Nacional de Humanização (PNH). A PNH insere novas formas de pensar a saúde por meio da transformação na maneira de cuidar e gerir e busca contribuir para a construção das relações de vínculo e confiança, possibilitando a humanização das práticas e processos em saúde em seu cotidiano, tornando-se, desse modo, uma referência política, ética e institucional (Brasil, 2010; Brasil, 2004).

De acordo com Rosa, Ana, Abrão e Valente (2016), para promover mudanças na saúde e no contexto hospitalar, essas novas formas de pensar saúde requerem novas tecnologias leves de cuidado, as quais dizem respeito a estratégias para que as relações nos processos de saúde-doença tornem-se mais dignas e agradáveis.

Diante disso, além de ser uma das diretrizes da PNH, o acolhimento é considerado uma tecnologia leve de cuidado, o qual pode ser compreendido como um afeto que possibilita a escuta de maneira ampliada, sendo uma prática de saúde fundamental, que deve estar presente em todo o contexto hospitalar (Brasil, 2010). A empatia também é essencial em situações de morte neonatal, pois refere-se a colocar-se no lugar da mãe e da família, considerar suas necessidades e seus sentimentos, oferecendo, portanto, o conforto necessário nas primeiras horas após a notícia (Salgado; Polido, 2018).

O estudo realizado por Rosa, Gomes, Costa, Alves e Aires (2022) destacou algumas ações positivas realizadas pelos profissionais de saúde em situações de morte neonatal, tais como: acolhimento da família, comunicação clara e sensível, oferecer a oportunidade de pegar no colo, escolher a roupa, respeitar as decisões da família no que diz respeito aos cuidados do bebê, aos rituais de despedida e às crenças religiosas, atendimento multiprofissional, entre outras.

Construir e oferecer aos pais uma caixa de memórias com lembranças do bebê, como fotografias, impressões das mãos e pés, mecha de cabelo, ultrassonografia, entre outros, é mais um exemplo de ação profissional destacada na literatura (Almeida; Moraes; Cunha, 2016). De acordo com Luiz *et*

al. (2020), a caixa de memórias é uma maneira simbólica de guardar o que foi valioso e especial no vínculo familiar, visto que as memórias afetivas também podem ser conservadas.

É importante ressaltar que as falas apresentadas acima pertencem a participantes de um mesmo curso, mas torna-se essencial que sejam práticas inseridas na atuação profissional como um todo. De acordo com Salgado e Polido (2018), dependendo do modo como o momento da perda foi vivenciado, as lembranças poderão ter um peso maior de leveza, dureza, tranquilidade ou dificuldade. Dessa forma, a maneira de comunicar a morte do bebê e o acolhimento ofertado no momento da perda são fundamentais para o auxílio da construção e processo do luto, pois, ainda que seja uma experiência tão dolorosa, é importante que a família possa carregar memórias de apoio, confiança, segurança, respeito e empatia oferecidas pelos profissionais de saúde (Salgado; Polido, 2018; Lari *et al.*, 2018; Cabeça; Souza, 2017).

A importância da formação para a atuação profissional diante da morte neonatal

As falas revelaram que todos os participantes consideram de suma importância a inserção do tema da morte neonatal na formação, não apenas na área da Saúde, mas também de forma geral para os profissionais que forem atuar em cenários como hospitais e Unidade de Terapia Intensiva. Especificamente em relação à morte neonatal, cabe mencionar que ela se apresenta como uma situação peculiar, uma vez que o evento da morte ocorre contrariamente à lógica linear do ciclo da vida.

“Seria importante ter uma disciplina ou conteúdo que abordasse sobre a terminalidade da vida, cuidados paliativos, em todas as fases da vida. Muitos profissionais não sabem o que fazer, têm dificuldades para lidar com a morte no início da vida, e, muitas vezes, falam frases como: logo vai ter outro, mas era só um bebê. A falta de conhecimento e estudo acaba acarretando nesse tipo de violência em um momento tão delicado” **P1**

“É importante ser abordado sobre o tema em algum momento da graduação. Mesmo que não seja algo que todos queiram atuar, é importante para conhecer maneiras de lidar com a família” **P2**

“Durante a graduação estudei sobre cuidados paliativos e acho importante que seja abordado sobre a temática da morte neonatal. Os profissionais não têm formação e informação para passar segurança aos pais, de maneira integral, de oferecer escuta, acolhimento” **P3**

“Acho importante ter na graduação mais sobre a temática, pois fui às cegas realizar o estágio. Também não sei onde vou trabalhar, por isso acho que todos deveriam ter contato com a morte neonatal” **P7**

Um estudo realizado por Perboni, Zilli e Oliveira (2018) identificou na literatura que o processo de morte de pacientes idosos é mais bem compreendido pelos profissionais de saúde, pois eles se encontram em uma fase considerada como final da vida. No entanto, a dificuldade de enfrentamento é mais evidente quando a morte ocorre em fases iniciais da vida, pois remete à interrupção do processo natural.

Resultados semelhantes foram encontrados na pesquisa realizada por Subutzki, Lomba e Backes (2018), a qual teve como objetivo conhecer a percepção da equipe multiprofissional da UTIN sobre o processo de morte de neonatos. Para a maior parte dos profissionais, a morte de um bebê recém-nascido foi compreendida como uma interrupção da ordem natural da vida. Diante disso, a morte de uma criança causa diferentes sentimentos nos profissionais de saúde, como tristeza, insegurança e culpa, interferindo no cuidado prestado.

Devido à morte de bebês recém-nascidos estar inserida em um contexto de início da vida, muitos profissionais encontram dificuldades para lidar com ela, em virtude das expectativas dos pais quanto ao nascimento de um bebê saudável, geralmente relacionadas a sentimentos de felicidade. Desse modo, frente ao óbito, os profissionais muitas vezes podem não saber como proceder com a família, pois, além do luto pela morte do bebê, encontra-se também o luto pelas idealizações associadas no nascimento (Teodózio *et al.*, 2020; Alves *et al.*, 2021).

É importante ressaltar que o sofrimento pela perda pode ser sentido de maneira mais intensa pela mãe, pois a gestação possui um significado socialmente esperado, como uma fase intrínseca à mulher e à maternidade, carregada de expectativas, além de ser marcada por mudanças físicas, emocionais e sociais. Além disso, o puerpério, período após o nascimento, é considerado uma fase de vulnerabilidade e instabilidade emocional para a mãe. Quando acontece o óbito do filho, todos os sonhos traçados chegam ao fim e a ansiedade ligada à gravidez e puerpério pode tornar a mãe mais vulnerável a problemas emocionais, como a depressão (Silva *et al.*, 2023, Teodózio *et al.*, 2020; Maldonado, 2017).

Diante do exposto, torna-se fundamental que, durante a graduação, haja um preparo dos profissionais para lidar com a morte de crianças, possibilitando o desenvolvimento de habilidades essenciais para oferecer apoio à criança e seus familiares (Perboni; Zilli; Oliveira, 2018). Além disso, é importante que reflexões, discussões e ações sobre a morte sejam realizadas durante a graduação, aproximando os alunos da temática. “Cuidar da vida implica em cuidar da morte, pois a responsabilidade profissional é com o amparo da vida: daquele que está por nascer e daquele que está por morrer” (Reis *et al.*, 2021, p. 13).

Considerações finais

A partir desta pesquisa, foi possível identificar lacunas na formação dos estudantes no que diz respeito ao conhecimento sobre a morte neonatal. Estar diante da morte neonatal requer dos profissionais um olhar mais amplo para quem está passando pela perda, uma vez que a morte no início da vida apresenta-se como uma situação peculiar, pois, além de ser considerada uma interrupção da ordem natural do ciclo da vida, a morte do bebê é carregada de sentimentos por tudo o que não foi vivido, bem como pelas expectativas e sonhos traçados pela família.

A educação para morte é fundamental para a ampliação do olhar sobre o processo de morte, bem como para o desenvolvimento de habilidades essenciais em situações de perda, visto que contribuirá para que práticas mais humanizadas estejam presentes na atuação profissional, principalmente quando se depara com a particularidade da morte neonatal. Dessa forma, torna-se fundamental que essa temática esteja inserida de maneira transversal durante a graduação, incluindo os estudantes em projetos de extensão relacionados ao tema, possibilitando, assim, o aumento do repertório dos estudantes e futuros profissionais.

Diante disso, observa-se a importância de conhecer as lacunas formativas das formações generalistas, pois, a partir desse conhecimento, torna-se possível propiciar mais vivências extensionistas que construam uma formação integral, bem como outras práticas de produção de conhecimento, pautadas no ensino, pesquisa e extensão, como, por exemplo, a construção de materiais sobre a atuação profissional em contexto de morte neonatal.

Observa-se que a temática da morte neonatal tem ganhado espaço nos meios de comunicação e cada vez mais convocado profissionais de saúde a atuar de forma humanizada. Nesse sentido, o presente trabalho traz contribuições importantes acerca da morte neonatal e destaca a necessidade de novas pesquisas relacionadas ao tema proposto, de forma a aprofundar os aspectos aqui levantados e discutidos, enfatizando a relevância de práticas extensionistas promotoras de ações nesse contexto.

Referências

- ALMEIDA, F. A.; MORAES, M. S.; CUNHA, M. L. R. Cuidando do neonato que está morrendo e sua família: vivências do enfermeiro de terapia intensiva neonatal. **Rev Esc Enferm USP**, v. 50, p. 122-9, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/xDPH6M7snxG5fJpbxKK548b/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 jun. 2024.
- ALVES, I. F. B. O. A.; COSTA, R.; LIMA, M. M.; ZAMPIERI, M. F. M.; NITSCHKE, R. G.; GOMES, Í. E. M. Significados atribuídos à maternidade por mulheres de um grupo de gestantes e casais grávidos. **Rev Enferm UERJ**, v. 29, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/56988/40490>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- BARTH, M. C.; VESCOVI, G.; LEVANDOWSKI, D. C. Percepção de casais que vivenciaram perda gestacional sobre o apoio social. **Psicol Argum**, v. 38, n. 102, p. 772-791, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS: Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS**, Brasília, DF, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Acolhimento nas práticas de produção de saúde**. 2. ed. 5. reimp. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS: Documento base para gestores e trabalhadores do SUS**. 4. ed. Brasília, DF, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Caderno de atenção à saúde da criança: recém-nascido de risco**. 2020. Disponível em: https://www.saude.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2020-07/pdf1.pdf. Acesso em: 09 dez. 2023.
- CABEÇA, L. P. F.; SOUSA, F. G. M. Dimensões qualificadoras para a comunicação de notícias difíceis na unidade de terapia intensiva neonatal. **Rev. Fund Care Online**, v. 9, n. 1, p. 37-50, 2017. Disponível em: https://seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4153/pdf_1. Acesso em: 02 mar. 2024.
- FERREIRA R. S. A.; SILVA, M. K. S.; JORGE, H. M. F.; PEREIRA, L. C.; ROCHA, G. S. T. Assistência dos profissionais de saúde em situação de perda gestacional: revisão integrativa. **REME - Rev Min Enferm**, v. 25, 2021. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v25/1415-2762-reme-25-e-1409.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- FREITAS, J. L.; MICHEL, L. H. F. A maior dor do mundo: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 2, p. 273-283, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/kVYCVNL5nFcJmXDkw6rrcqj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2022.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, 2012. Disponível em: https://www3.unicentro.br/proec/wp-content/uploads/sites/73/2020/02/Politica_Nacional_de_Extensao_2012_07_13.pdf Acesso em: 24 nov. 2024.
- FUJINAGA, C. I.; TONI, C. G. S. BUASKI, J. P. A. **HumanizaÇÃO em UTIN: novos caminhos**. 1.ed. Curitiba: Editora Bagai, 2023.
- KOCH, C. L.; ROSA, A. B. BEDIN, S. C. Más notícias: significados atribuídos na prática assistencial neonatal/pediátrica. **Rev. bioét.** v. 25, n. 3, p. 277-84, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/6hDSD-tDj5wkPYH5x3gxmysP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 nov. 2022.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: quebrando paradigmas. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2021.

LARI, L. R.; SGIMO, A. K. K.; CARMONA, E. V.; DE MORAES, M. H. B. L.; CAMPOS, C. J. G. Suporte aos pais que vivenciam a perda do filho neonato: revisão de literatura. **Aquichan**, v. 18, n. 1. p. 80-94, 2018. Disponível em: DOI: <http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v18n1/1657-5997-aqui-18-01-00080.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2024.

LUIZ, T. S. C.; DA SILVA FILHO, O. C.; VENTURA, T. C. C.; DRESCH, V. Memory box: possibilities to support grief in the intensive care unit during the Covid-19 pandemic. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 32, n. 3, 479-80. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/wwzbcpszQnx4tZF8qxRrRpf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 jun. 2024.

MALDONADO, M. T. **Psicologia da Gravidez**: gestando pessoas para uma sociedade melhor. São Paulo: Ideias e Letras, 2017.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 930, de 10 de maio de 2012**. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0930_10_05_2012.html. Acesso em: 2 dez. 2023.

MORAIS, A. **Quando a morte atravessa o início da vida**: a educação para a morte na UTI neonatal. 1 ed. Curitiba: Appris, 2022.

MOURA, L. V. C.; PASSOS, E. C. S.; SANTOS, R. M. M.; ROSA, D. O. S.; NASCIMENTO, S. C. L. Ensino da tanatologia nos cursos de graduação em enfermagem. **Rev Baiana Enferm**, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/20888/15703>. Acesso em: 31 maio 2024.

PERBONI, J. S.; ZILLI, F.; OLIVEIRA, S. G. Profissionais de saúde e o processo de morte e morrer dos pacientes: uma revisão integrativa. **Persona y bioética**, v. 22 n. 2, 288-302, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/pebi/v22n2/0123-3122-pebi-22-02-00288.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2024.

PESSINI, L. A medicina e seus objetivos. In: PESSINI, L. (org.). **Distanásia**: até quando prolongar a vida? São Paulo, SP: Editora do Centro Universitário São Camilo: Loyola, 2001. p.48-53. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mD4Vixs8_4MC&oi=fnd&pg=PA34&ots=WZxt-UuYz1&sig=t-GoWHwYJZZCe19LKAEuhsM94iNI&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 02 maio 2023.

REIS, M. L. A.; NETO, O. M. S.; SILVA, J. E. C. F.; SILVA, W. A. D.; MARTINS, A. M.; ANGRA, G. Morte e morrer: caminhos utilizados por docentes de enfermagem na formação acadêmica. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 10, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/18650/16552>. Acesso em: 01 jun. 2024.

ROSA, H. R. SANT'ANA, F. C.; ABRÃO, J. F.; VALENTE, M. L. L. C. Mães Alojadas: alojamento conjunto no hospital geral como forma de humanização. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, v. 36, n. 90, p. 141-156, jan. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v36n90/v36n90a10.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.

ROSA, R.; GOMES, I. E. M.; COSTA, R.; ALVES, I. F. B. O.; AIRES, L. C. P. Experiências e condutas do profissional de saúde frente ao óbito neonatal: revisão integrativa. **REME-Rev Min Enferm**, v. 26, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/41101/31999>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SALGADO, H. O.; POLIDO, C. B. A. **Como lidar**: luto perinatal. São Paulo: Lexema: Ema Livros, 2018.

SILVA, M. M. J.; SERRANO, T. B. M.; PORCEL, G. S.; MONTEIRO, B. B.; CLAPIS, M. J. Riesgo de depresión durante el embarazo en la atención prenatal de riesgo habitual. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, p. e3962, jan. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/GjYHzS4BJm7NnTL-7bRzwQLG/?format=pdf&lang=es>. Acesso em: 25 maio 2024.

SILVEIRA, C. M.; BELLAGUARDA, M. L.; CANEVER, B.; COSTA, R.; KNIHS, N. S.; CALDEIRA, S. Coping da equipe de enfermagem no processo morte-morrer em unidade neonatal. **Acta Paul Enferm.**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/T6FDrXFy8pZ8K6xnNGsCVgP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

SUBUTZKI, L. S.; LOMBA, M. L.; BACKES, D. S. Morte de neonatos: percepção da equipe multiprofissional à luz da complexidade. **Av Enferm.**, v. 36, n. 1, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-45002018000100069. Acesso em: 25 maio 2024.

SOUZA, P. S. N.; CONCEIÇÃO, A. O. F. Processo de morrer em unidade de terapia intensiva pediátrica. **Rev. Bioét.**, v. 26, n.1, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/hzYdmSqB4BXGnhqMP7J5Qyv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2024.

TEODÓZIO, A. M.; BARTH, M. C.; WENFLAND, J.; LEVANDOWSKI, D. C. Particularidades do luto materno decorrente de perda gestacional: estudo qualitativo. **Subjetividad**, v. 20, n. 2, 2020. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/e9834/pdf>. Acesso em: 28 maio 2024.